



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA ANDRÉ VENCESLAU

**O ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS**

JOÃO PESSOA

2019

FERNANDA ANDRÉ VENCESLAU

**O ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba/UFPB, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

V451e Venceslau, Fernanda Andre.

O ensino aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos:
Dificuldades de professores e alunos / Fernanda Andre
Venceslau. - João Pessoa, 2019.

45 f.

Orientação: Fábio do Nascimento Fonsêca.
Monografia (Graduação) - UFPB/Centro Educação.

1. EJA, ensino-aprendizagem, educação. I. Fonsêca,
Fábio do Nascimento. II. Título.

UFPB/BC

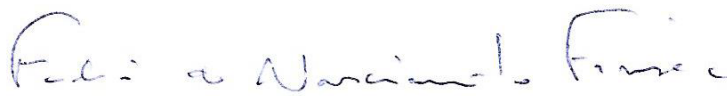
FERNANDA ANDRÉ VENCESLAU

**O ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS**

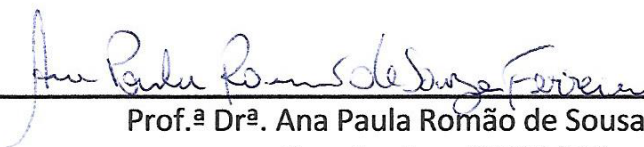
Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade
Federal da Paraíba/UEPB, como
parte dos requisitos para
obtenção do título de licenciada
em Pedagogia.

Aprovada em: 16 / 05 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca
Orientador (UEPB/CE)



Prof.^a Dr.^a. Ana Paula Romão de Sousa Ferreira
Examinadora (UEPB/CE)



Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva
Examinadora (UEPB/CE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida, pela força e coragem que me tem dado, por ter me guiado durante toda esta caminhada, todas as dificuldades que passei foram grandes adversárias, mas o Senhor não deixou me abater.

Ao meu pai Antônio Venceslau e a minha mãe Maria da Paciência André Venceslau pela capacidade de acreditar e investir em meu sonho, por todo cuidado, carinho e apoio, vocês não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa.

A Universidade Federal da Paraíba por ter me dado a oportunidade de realizar este curso, e a todo seu corpo docente.

A meu professor orientador Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca por toda atenção, paciência e ajuda que me foi dada, para que eu pudesse ter confiança e segurança na realização deste trabalho, aos demais professores que durante todo o curso foram tão importantes em minha vida acadêmica.

A professora Ana Paula Romão de Souza Ferreira e ao Prof. Luciano de Sousa Silva por ter aceito o convite. É um prazer tê-los na banca examinadora.

Agradeço a todos que me apoiaram direta ou indiretamente, que me deram crédito de confiança, que contribuíram com sugestões, que apostaram em mim, sonhando junto comigo.

RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa realizada através dos estágios de prática pedagógica realizados em uma instituição de ensino na cidade de João Pessoa-PB. O objetivo deste trabalho foi observar como ocorre o ensino-aprendizagem dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no contexto da sala de aula. A referida abordagem quantitativa/qualitativa viabilizou, inicialmente, o estudo bibliográfico (Discutindo a EJA, O Processo de Ensino focado no trabalho docente, A Aprendizagem dos Alunos em sala) e, posteriormente, através da prática possibilitada pelos estágios, a pesquisa *in loco* com tais sujeitos no ambiente escolar. Isso, como demonstração e comparação entre o que ocorre entre a teoria e a prática. Sem deixar de considerar que as dificuldades neste contexto da EJA, possam ser explicitadas e melhoradas para a consecução de uma educação transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: EJA, ensino-aprendizagem, dificuldades, educação.

ABSTRACT

The present study is the result of a research carried out through the stages of pedagogical practice carried out in a teaching institution in the city of João Pessoa-PB. The objective of this study was to observe how teaching-learning of EJA students (Youth and Adult Education) occurs in the context of the classroom. The above-mentioned quantitative / qualitative approach made the bibliographic study possible (Discussing EJA, The Teaching Process focused on teaching work, Student Learning in the classroom) and later, through the practice made possible by the internships, the in situ research with such subjects in the school environment. This, as a demonstration and comparison between what happens between theory and practice. While noting that the difficulties in this context of the EJA can be explained and improved for the achievement of a transformative education.

KEYWORDS: EJA, teaching-learning, difficulties, education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica

CONFITEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

CEPLAR – Campanha de Educação Popular

CI – Currículo Integrado

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MEC – Ministério da Educação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DISCUTINDO A EJA	12
2.1 A EJA e sua história	133
2.2 Especificidades e características da EJA	17
2.3 Os sujeitos da EJA.....	188
3 O PROCESSO DE ENSINO: A REALIDADE DO TRABALHO DOCENTE	211
4 APRENDIZAGEM: A REALIDADE DOS ALUNOS NA SALA DE AULA.....	266
5 OS RESULTADOS DA PESQUISA	311
5.1 O Percurso Metodológico.....	31
5.2 Universo e os sujeitos da pesquisa	32
5.3 As dificuldades dos alunos.....	32
5.4 As dificuldades dos professores	325
5.5 Discussão e interpretação dos dados.....	327
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	388
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES	41

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu a partir da experiência vivenciada em alguns estágios obrigatórios que o curso de pedagogia me permitiu realizar. Ao me deparar com a realidade da sala de aula em que estagiei, esta voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebi que alguns profissionais não se preocupam com o planejamento para a realização da atividade de sala de aula. Pude ver ainda que alguns alunos, ao realizarem suas atividades, comentavam sentirem-se de volta à infância, visto que a atividade era de corte e colagem de figuras. Então, percebi a distorção de uma atividade para criança sendo feita por um adulto.

A EJA tem, entre outras funções, o papel de ser um instrumento de ressocialização e inclusão desses sujeitos que antes viviam à margem do mundo letrado e que agora tem a oportunidade de fazer parte de algo novo e desafiador, que é o contexto escolar.

A compreensão deste papel da EJA, bem como as peculiaridades do público a que se destina e que frequenta às aulas nesta modalidade de ensino, apontam, nesta perspectiva, para um olhar e uma prática diferenciados no trato com a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem no interior da mesma. As especificidades que são próprias requerem formas próprias de lidar com a aprendizagem do adulto, o que, certamente envolve dificuldades tanto para alunos como para professores.

Entretanto, na maioria dos casos, conforme revelou minha própria experiência de estágio, essas especificidades nem sempre são levadas em consideração, o que, seguramente, potencializa as dificuldades vivenciadas por professores e alunos. É fato que, ainda não há um grande acúmulo na produção teórica sobre a EJA, sobretudo, no campo das metodologias de ensino e na compreensão de como se dá a aprendizagem entre jovens e adultos. A maioria dos cursos de formação de professores ainda não dedica um espaço significativo à EJA. É importante, nesse sentido, que a nossa

reflexão se dirija à tentativa de conhecer e compreender essas especificidades e às dificuldades que lhe são inerentes.

Faz-se necessário, portanto, promover essa reflexão, de modo a garantir efetiva aprendizagem na EJA que assegure a plenitude do direito à educação para este público. Até mesmo porque os educandos desta modalidade de ensino já têm a maturidade, a história de vida e a experiência que as crianças ainda não adquiriram. Por esse motivo, a prática educativa deve ser facilitadora da aprendizagem dessa parcela de alunos, possibilitando-lhes trazer à tona sonhos e ideais que foram sufocados.

Ao trabalhar com a EJA, pode-se apreender inúmeras experiências e realizar trocas de vivências que servirão para o crescimento pessoal e social, tanto do educador, quanto do educando. A metodologia utilizada, portanto, tem que estar contextualizada e adequada ao jovem e ao adulto.

Mas, antes de adentrar mais especificamente nesses aspectos, far-se-á imprescindível, no decorrer deste trabalho, abordar a respeito das características, história e sujeitos da EJA, de modo a se evidenciar as especificidades e particularidades que se expressam nesta modalidade de ensino.

Em um segundo momento, tratar-se-á de refletir sobre como acontece o processo de ensino e a prática dos educadores que ministram aula para as turmas da EJA. Na sequência, discutir-se-á a questão da aprendizagem e como os alunos lidam com as dificuldades enfrentadas ao retorno dos estudos.

E, finalmente, no último capítulo, descrever-se-á como ocorreu o estudo de campo na instituição de ensino municipal da cidade de João Pessoa-PB. Local onde se vivenciou novas experiências, troca de conhecimentos e a prática pedagógica em colaboração com a referida comunidade escolar.

2 DISCUTINDO A EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino assegurada pela Constituição de 1988, cujo objetivo é permitir que pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na chamada idade regular, possam retomar seus estudos, recuperar o tempo perdido e se inserirem na sociedade como sujeito alfabetizado. O ensino ministrado para a EJA é oferecido tanto na modalidade presencial, como à distância, com o objetivo principal de democratizar o ensino da rede pública no Brasil.

Há pouco tempo atrás, a EJA era conhecida como supletivo. Esta era apenas uma das muitas formas que a EJA assumiu. A modalidade em análise tem uma história bem antiga, que antecede mesmo a definição de políticas públicas específicas e envolvem experiências de educação popular, círculos de cultura, movimentos sociais etc.

Com a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996 (LDBEN nº 9394/96), a Educação de Jovens e Adultos é assumida como uma modalidade de ensino dentro da organização da educação básica no país, promovendo o reconhecimento do legítimo direito à educação daqueles que dela foram excluídos.

A partir da LDBEN, a EJA passou a ser organizada da seguinte forma: o primeiro segmento corresponde do 2º ao 5º ano da modalidade regular, o segundo segmento correspondente do 6º ao 9º ano e o ensino médio, abrangendo do 1º ao 3º ano. No artigo 37 da Lei nº 9394/96, compreende-se que a educação de jovens e adultos está destinada a atender às pessoas que não tiveram acesso à educação em idade regular, tendo em vista, estimular o jovem ou adulto a prosseguir os estudos e conquistar a profissionalização, possibilitando um resgate de cidadania.

É importante destacar o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica), fundamentado na Lei 9394/96, que traz três funções básicas do ensino de caráter regular à Educação de Jovens e Adultos:

Reparadora, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade,

mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano.

Equalizadora, vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Qualificadora, mais do que uma função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares.

Essas funções nos remetem à dívida histórica que existe para com as pessoas, que não tiveram condições de ter a educação básica que é direito de todos.

Por essa mesma razão, a EJA, nos dias de hoje, requer um novo modo de pensar acerca das políticas educacionais e das propostas de inclusão desses educandos nas redes de educação pública do nosso país. Isto requer também pensar as questões de ordem pedagógica e metodológica, bem como o enfrentamento das dificuldades de ensino e de aprendizagem presentes na EJA, de modo que se assegure o alcance pleno do direito à educação, por parte deste público, a partir de um trabalho pedagógico que assegure aprendizagem efetiva, como instrumento de inclusão social.

O que se tem pensado até o momento é que o trabalho pedagógico desenvolvido neste seguimento de ensino deva ser, a princípio, alfabetizatório. No entanto, alfabetizar é somente a primeira parte do processo. O que não se pode é pensar que só a alfabetização poderá garantir o desenvolvimento social deste educando.

2.1 A EJA E SUA HISTÓRIA

A trajetória da EJA, ao longo da História, é marcada por muitas dificuldades, lutas, e alguns avanços, mas também, alguns retrocessos. Tudo isto, em razão da falta de políticas públicas específicas para esta modalidade, de ações e programas que realmente fizessem a diferença. Abordar-se-á assim, de forma breve, os percursos da política alfabetizatória no decorrer dos anos no país.

A educação de adultos no Brasil teve início durante a colonização, com a vinda dos jesuítas para o país, sendo praticada com fins religiosos. As práticas catequizadoras e instrucionais eram empregadas em adultos e jovens, tanto nos nativos como nos colonizadores. A diferença se constituía nos objetivos para cada grupo social. Com a expulsão dos jesuítas, houve a desorganização na oferta deste ensino.

No então período Imperial (1876), constata-se as primeiras preocupações com a questão da escolarização dos adultos, pois a lei Saraiva proibia literalmente o voto de analfabetos. E como o número de pessoas que não sabiam ler e nem escrever era extenso, surgem grupos sociais que se mobilizaram para formar campanhas de alfabetização.

Após a proclamação da Independência do Brasil, outorga-se a primeira Constituição brasileira, na qual o artigo 179 constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”. Porém, essa gratuidade não favorecia a classe pobre, pois, o acesso a escola era difícil. Constata-se então, que a escola era para todos teoricamente, porém, inacessível a quase todos na prática.

Na constituição de 1934, o Presidente da República Getúlio Vargas tornou-se um ditador a partir do Golpe de Estado e acabou criando um regime conhecido como “Estado Novo”. Surge então a constituição de 1937 em que o Estado abria mão de suas responsabilidades com a educação pública. Tal constituição foi criada com o objetivo de favorecer o Estado, visto que, uma população sem educação poderia ser manipulada facilmente. O interesse maior do governo era oferecer somente o ensino profissionalizante, capacitando jovens e adultos para o trabalho nas indústrias.

Favorável e um dos precursores da alfabetização de jovens e adultos foi Paulo Freire. Sempre lutando pelo fim da educação elitista, Freire tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora. Ele partia da realidade, da vivência dos educandos. Aranha (1996, p. 209, apud SILVA E ARAÚJO, p. 8) compartilha sobre a metodologia de Freire:

O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Seguindo o percurso histórico sobre os movimentos de alfabetização no Brasil, registros explicitam que houve uma repressão no período do regime militar. Ou seja, os integrantes de tais movimentos eram perseguidos pelos governos entre os anos de 1964 e 1985.

Em 1967, o governo autorizou a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Criado e mantido pelo regime militar, jovens e adultos frequentaram as aulas do MOBRAL. O objetivo desse movimento era o de proporcionar alfabetização e letramento as pessoas acima da idade escolar convencional.

A denominação MOBRAL foi mudada em 1985, após o fim do regime militar e já durante a chamada Nova República, no Governo Sarney, para Fundação Educar. Esta Fundação teve como objetivo principal a erradicação total do analfabetismo no Brasil.

Porém, houve muitas críticas quanto à atuação do MOBRAL. Dentre elas destaca-se, principalmente, a que fala da falsidade dos resultados divulgados, seja em relação à alfabetização, seja ao impacto de outras formas de ação do Movimento, além da crítica sobre o seu próprio sentido e objetivo. Bello (1993, apud SILVA E ARAÚJO, p. 8) afirma que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

Em 1988, conforme já registrou-se acima, foi promulgada a Constituição, que ampliou o dever do Estado para com a EJA, garantindo o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos.

Na década de 1980, os fóruns de EJA começaram a se formar em todo o país. Em 1996, ocorreu uma intensa mobilização incentivada pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), como forma de preparação para a V CONFITEA (Conferência Internacional de Educação de Adultos). O MEC instituiu, então, uma Comissão Nacional de EJA, para incrementar essa mobilização.

Na V CONFITEA foi discutido que a Educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei, sendo destinada para pessoas de todas as raças, sexo e idade que por um ou vários motivos não tiveram acesso à educação no período de escolarização. Tal Conferência teve por objetivo possibilitar que estes indivíduos desenvolvessem suas habilidades e elevassem seus conhecimentos com o intuito de participar ativamente da sociedade (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, V CONFITEA, UNESCO, 1997).

Referente ao contexto paraibano a respeito da alfabetização de adultos encontra-se no texto de SCOCUGLIA (2001, apud, FAÇANHA, 2013, p. 21), o registro da experiência da CEPLAR (Campanha de Educação Popular).

Criada na Paraíba em 1962, por um grupo de jovens da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Paraíba, pertencentes aos quadros da Juventude Universitária Católica, a CEPLAR tinha como objetivo a educação/alfabetização política dos adultos, visando conscientizá-los para participarem do processo de mudança no país. Esta experiência foi apoiada pelo governo estadual e pela diocese local. Seu primeiro trabalho foi junto ao Grupo Escolar Juarez Machado, na Ilha do Bispo.

A oportunidade de alfabetizar um grupo de empregadas domésticas, nucleado pela Juventude Operária Católica, aproximou a CEPLAR de Paulo Freire, no início da definição do Sistema de Alfabetização de Adultos. Esse fato tornou a CEPLAR um dos primeiros laboratórios da aplicação desse sistema, mesmo antes da experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte.

Em 1963, numa segunda fase de sua atuação, quando já contava com forte equipe dedicada aos trabalhos de alfabetização de adultos e um dinâmico núcleo de cultura popular, incorporou-se ao Plano Nacional de Alfabetização, obtendo apoio financeiro do Ministério da Educação, expandindo sua atuação para todo o estado da Paraíba.

A CEPLAR também firmou sua linha política pela colaboração estreita com as “ligas camponesas” entre os limites da região de Sapé e Mamanguape, onde ocorriam violentos conflitos entre trabalhadores rurais e latifundiários. A radicalização local e o golpe militar de 31 de março de 1964 desmobilizaram de imediato tal Campanha, aprisionando seus dirigentes e confiscando todo seu material.

Apesar disso, comprovou-se que a iniciativa pedagógica aplicada pela CEPLAR possibilitou uma educação libertadora aos adultos que, outrora, não tiveram acesso a educação. Ao contrário de políticas que não prezam pelo acesso ao conhecimento, a CEPLAR contribuiu para a conscientização de que ao homem é possível torna-se agente ativo na sociedade.

2.2 ESPECIFICIDADES E CARACTERÍSTICAS DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está direcionada aos jovens e adultos que não puderam por algum motivo concluir os estudos. Tem como foco, disponibilizar oportunidades educacionais adequadas às suas características, interesses, condições de vida e de trabalho através de cursos e exames no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Voltada para a garantia de formação integral, da alfabetização às diferentes etapas da escolarização ao longo da vida, inclusive àqueles em situação de privação de liberdade, a EJA é pautada pela inclusão social. Dessa forma, requer tanto um modelo pedagógico próprio que permita a apropriação e a contextualização das Diretrizes Curriculares Nacionais, quanto à implantação de um sistema de monitoramento e avaliação e uma política de formação permanente de seus professores.

Na perspectiva da EJA, os estudantes são tomados como sujeitos históricos, sociais e culturais dotados de conhecimentos e experiências acumulados ao longo da vida. Constituem-se por meio das relações interpessoais, pelas trocas de papéis e funções sociais que vão possibilitando a construção e o desenvolvimento das suas personalidades e consciências. Ademais, a educação de Jovens e Adultos exige do professor conteúdos adaptados para essa clientela diversificada e metodologias que incentivem os educandos a serem sujeitos de sua aprendizagem. O professor precisa estimulá-los. Assim, os mesmos poderão se sentir mais confiantes e motivados no decorrer do processo de construção do conhecimento, aprendendo cada dia mais.

A partir dessa concepção, torna-se essencial o trabalho conjunto entre o espaço escolar e a atitude do professor com relação ao alunado em análise. Pois eles, já

possuem opiniões formadas, e, como já mencionado, necessitam de uma metodologia de ensino voltada para as suas realidades.

A postura do docente é crucial, visto que, precisa lidar com a autoestima dos alunos, que na maioria das vezes, apresenta-se fragilizada. Isso, em decorrência a um histórico de fracassos anteriores, da dificuldade em adaptar a rotina de trabalho ao ritmo dos estudos, entre outros fatores, contribui na manifestação de dúvidas a respeito de suas possibilidades de aprendizagem e de permanência na escola. Destarte,

O fracasso escolar tece uma espécie de teia, onde o (a) aluno (a) se enreda e custa a sair. Na maioria dos casos, a teia torna-se tão emaranhada que não oferece saída e o desfecho dessa situação, tão comum na realidade brasileira, é o abandono da escola. Mais tarde, quando retornam aos bancos escolares, os jovens e adultos ficam extremamente suscetíveis a enredarem-se novamente, a vivenciarem outro fracasso escolar (BRASIL, 2006, p.17, apud, FONSÊCA, 2013, p.7).

Dessa maneira, a metodologia aplicada aos alunos da EJA, não deve ser repetitiva e voltada para o ensino infantil. Ao contrário, é necessária a utilização de um material prático, que deverá ter correlação com o trabalho exercido por eles e com suas relações sociais.

Tal trabalho pedagógico, precisa corresponder aos anseios deste alunado que recorre à escola em busca de crescimento. Conseqüentemente encontrarão respostas e sentido em suas relações com o mundo.

2.3 OS SUJEITOS DA EJA

Os alunos da EJA, em sua vida escolar, enfrentaram desafios que levaram a escolha de permanecer na escola ou abandoná-la. Geralmente, apresentam relatos de que estudaram pouco. E necessitaram deixar os estudos por questões socioeconômicas, pois são, na sua maioria, trabalhadores proletariados, desempregados, donas de casa, jovens, idosos, pessoas com deficiências especiais. São alunos que chegam frequentemente tarde na escola, cansados e com sono e querem sair mais cedo. Isso quando eles vão para a aula.

Eles têm uma concepção de que não são capazes de acompanhar as atividades ou que as mesmas não correspondem com o seu cotidiano, entre outros fatores que contribuem para a evasão.

O aluno trabalhador quer aprender, pois anseia alcançar uma vida socioeconômica satisfatória longe do sofrimento do trabalho pesado e do baixo salário. Contudo, nem sempre é possível chegar à aula. Eles acabam desistindo por motivo da excessiva carga horária de trabalho, desistem porque precisam trabalhar. O trabalho é mais importante, é uma necessidade para quem precisa sustentar uma família. Demonstra-se então um conflito inerente a este educando.

Com relação aos alunos jovens, em sua maioria, ultrapassam a idade estabelecida para estudar no turno diurno, devido às sucessivas reprovações. Muitos deles são repetentes desde sua vida infantil, e são levados a estudar à noite por serem considerados problemáticos.

Também não há como deixar de pontuar a questão da exclusão social da juventude pobre. Esse não reconhecimento da heterogeneidade do aluno da EJA contribui para aprofundar as desigualdades educacionais ao invés de combatê-las. Fica evidente que a escola vive uma crise. E o mais preocupante, é ver que essa crise torne-se habitual.

Então, partindo do pressuposto de que a atividade laborativa possui vínculo com a educação do aluno trabalhador, a metodologia deverá ser constituída considerando esse aspecto. Arroyo (1986, p. 49-50, apud, FONSÊCA, 2013, p.3) menciona:

O fato de termos nas aulas trabalhadores que estudam não é apenas o melhor ponto para entender porque a escola popular fracassa. Essa condição de trabalhador deverá ser o ponto de partida para encontrar a escola possível e necessária, sem cair em acomodações e hibridismos.

Todavia, tais aspectos de um ensino voltado para esse alunado deixam muito a desejar. Pois, comumente são os relatos de que a prática mostra-se ineficiente. Arroyo, ainda conclui que:

não tem havido espaço para a educação do trabalhador e que os vínculos entre os processos produtivos e a realidade do trabalho têm

sido frequentemente ignorados, tanto no âmbito da prática educativa como na reflexão teórica (1989, p.22, apud, FONSÊCA, 2013, p.4).

Interessante mencionar que como o trabalho foi (ou é) um dos motivos para que os alunos da EJA abandonassem a escola quando mais jovens, também é apontado como fator do retorno dos mesmos a sala de aula. Isso porque o trabalho desperta nesses alunos, o anseio de melhoria salarial, qualificação ou a consecução do primeiro emprego.

Então, diante dessa realidade, imprescindível é que se repense as políticas educacionais a respeito do ensino-aprendizagem dos discentes da EJA. Que as dificuldades além de outros fatores não se perpetuem para não impossibilitar que os anseios dos alunos sejam correspondidos.

No capítulo seguinte, delinear-se-á, de forma simples, a realidade enfrentada pelos educadores no ensino da EJA. Outro aspecto que enfrenta obstáculos, necessitando de atenção e respaldo político-educacional.

3 O PROCESSO DE ENSINO: A REALIDADE DO TRABALHO DOCENTE

Como já assinalado no capítulo anterior deste trabalho, a Educação de Jovens e Adultos deve apresentar uma metodologia diferenciada de outras modalidades de ensino. Isso, devido às especificidades que caracterizam o público que frequenta à sala de aula nesta modalidade.

Por apresentar tal aspecto, o professor da EJA deve ser flexível, saber trabalhar com as diferenças de seus alunos jovens e adultos, em comparação com crianças e adolescentes que frequentam às salas de aula regulares nos ensinos fundamental e médio. Um desafio que requer não apenas uma formação superior, mas também uma especialização e cursos de formação continuada, visto que, não é qualquer professor que está apto a ser um educador da EJA. Como afirma Libâneo (1992, p. 47, apud SILVA E ARAÚJO, 2016, p. 10):

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política.

Ou seja, é papel do docente instigar seus alunos a refletir a partir do conhecimento de mundo destes para assim, introduzir novos saberes. De acordo com essa abordagem, iremos delinear a questão da formação do docente a partir da graduação. Será que ele já sai com uma bagagem suficiente para atuar com os discentes, alvo do presente estudo? A partir desse questionamento, imprescindível é abordar o papel da universidade na formação do licenciado em Pedagogia.

Primordial em possibilitar a organização de novos saberes, a universidade segundo Morin (2011, p. 81, apud, SANTOS, 2013, p. 13):

(...) conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la, atualizá-la, transmiti-la; gera saberes, ideias e valores que passam,

então, a fazer parte da herança. Assim ela é conservadora, regeneradora, geradora.

De acordo com a supracitada definição, percebe-se que a universidade deve situar-se como um lugar de debates, estudos e pesquisas voltado para a problematização, compreensão e articulação de ideias significativas no âmbito cultural, social e político. E direcionando essa vertente para área específica da formação de professores, tal instituição deve oferecer mecanismos garantidores indispensáveis para o exercício da docência.

Deve haver um equilíbrio entre os conhecimentos produzidos nas universidades a respeito do ensino e a prática que será desenvolvida por estes graduandos em sala de aula com seus alunos, em especial, as turmas da EJA. Pois, se o modelo de aula for deficiente, voltado para uma educação “bancária”, segundo menciona Souza (2011, p. 35, apud SANTOS, 2016, p. 15), certamente ocasionará o desestímulo e a desistência desses alunos. Isso porque estudam no período noturno e, muitas vezes, chegam cansados de um dia de labor.

O professor Leôncio Soares¹ da Universidade Federal de Minas Gerais menciona que a formação inicial de professores no curso de Pedagogia é “apenas a ponta do iceberg”, e muito precisa ser feito. É imprescindível uma formação continuada voltada a esses profissionais para que, desta forma, consigam lidar de maneira significativa com as especificidades dos educandos jovens e adultos.

Ou seja, é preciso partir da premissa de que professor é almejado. Como deve ser esse docente que atuará em uma área tão rica e complexa, especificamente na EJA? De acordo com Therrien (2002, apud, SANTOS, 2013, p. 10-11), o trabalho docente deve ser pensado sobre três dimensões:

Na dimensão da Prática Produtiva, o professor é capaz de mediar o saber, fazendo com que a aula seja um espaço para favorecer descobertas, construídas por ele, pelos educandos e coletivamente. (...) Na dimensão da Prática Política, (...) o magistério não se resume ao conteúdo da sala de aula, mas é ampliado por uma postura política, (...). A postura política frente aos desafios exige constante reflexão sobre tudo o que se refere ao ensino. Já na dimensão da Prática Pedagógica

¹ SOARES, Leôncio – Artigo – O educador de Jovens e Adultos em formação. GT: Educação de Pessoas Jovens e adultas.

(...) quando satisfatória, sempre irá considerar as experiências de professor e educandos como veículo para o aprendizado.

Então, a postura do professor deverá ser baseada não como uma atividade mecânica, mas rica, permeada por aspectos voltados para uma educação de qualidade, possibilitando uma transformação na vida dos educandos.

Mas será que as políticas públicas educacionais estão voltadas para o aprimoramento de uma formação de qualidade para os docentes? Santos (2013, p. 7) menciona que tais políticas vêm cuidando mais dos aspectos organizacionais do que os voltados para a formação do professor. Porém, recentemente, percebem-se iniciativas voltadas para uma maior qualificação desses docentes, pois se conclui que quanto melhor preparados mais influenciarão no desenvolvimento educacional.

Quanto à estrutura curricular ofertada nos cursos de Pedagogia, é muitas vezes, baseada a um processo político em que determinadas disciplinas são preteridas. Imprescindível seria uma constante análise a respeito de tais grades. Assim, dando-se a devida valorização a disciplinas voltadas para os futuros profissionais da EJA, estaria assegurada uma melhor preparação para que tais docentes pudessem atuar de forma mais eficaz. De acordo com Santos,

A presença ou ausência na Universidade de disciplinas formadoras de professores da EJA pode contribuir para eliminar preconceitos, na medida em que abre espaço para que estudantes da Pedagogia reflitam sobre as especificidades dessa modalidade de ensino. Pode também contribuir para a permanência e o fortalecimento dos referidos preconceitos, na medida em que o estudo dessa modalidade não faça parte da formação acadêmica desses estudantes, que possivelmente assumirão turmas de EJA quando graduados (2013, p. 9).

A Educação de Jovens e adultos possui muitas especificidades e requer um quadro de profissionais preparados para atuar de forma integral aos interesses expostos no próprio modelo pedagógico. Para tanto um dos elementos para a boa prática docente é a ressignificação do sentido de ser professor.

Como o docente é mediador desta formação, precisa utilizar métodos de ensino apropriados, possibilitando aos alunos a oportunidade de alcançarem cada vez mais um novo nível de conhecimento que satisfaça suas necessidades como indivíduo de uma

sociedade. Para que esse objetivo seja alcançado, têm-se a preocupação com a formação do professor, que deve ser contínua.

Trazendo essa abordagem para o nosso contexto de formação acadêmica, A Universidade Federal da Paraíba tem como uma de suas missões, ser uma fonte geradora de saberes e práticas nas diversas áreas do conhecimento. Inclusive na Educação de Jovens e Adultos. No caso específico do curso de Pedagogia da UFPB,

A criação da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos, por sua vez, considerou a necessidade de o Curso de Pedagogia levar em conta as prioridades relativas ao grau de pertinência social que assumia a educação de jovens e adultos face às exigências colocadas pelo processo de transformação social, bem como de contribuir para que o adulto fosse encarado como sujeito histórico deste processo. Também foi levada em conta a carência de agentes e técnicos educacionais com formação específica para intervir no campo da educação de adultos, correlacionada com a urgência de atendimento de uma demanda crescente, manifesta através de instituições, grupos e organizações – promotores de programas, projetos e/ou experiências com adultos, vinculados tanto ao Estado como à Sociedade Civil. No tocante à Paraíba, esta problemática assumiu uma relevância ainda maior, tendo em vista o trabalho de desenvolvimento de experiências educativas com adultos vinculada à consolidação dos movimentos populares no campo e na cidade. (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, UFPB 2006, p.6).

Isto posto, percebe-se a preocupação do curso de Pedagogia da UFPB em oferecer a esse público uma escolarização ampla e de qualidade. Desta maneira, é fundamental a prática de atividades, que levem em conta a cultura do aluno e sua preparação para atuar no contexto social em que está inserido. Pois, como previsto nas Diretrizes Curriculares da EJA, deve-se considerar as funções de reparar, qualificar e equalizar o ensino.

Como bem menciona Freire (1996, p. 22, apud, SANTOS, 2013, p. 25-26), a metodologia aplicada em sala de aula pelo professor deve ir além do transferir conhecimento. Necessário é a criação de mecanismos que possibilitem a sua construção e produção.

Destarte, nada mais justo do que levar em consideração, uma formação continuada dos professores, de forma que, tenham um melhor preparo para atuarem em sala de aula. Porque, não basta apresentarem conhecimentos aos alunos, para

formarem apenas mão-de-obra para o mercado de trabalho, e sim, cidadãos aptos a atuarem na sociedade com uma formação crítica e sólida.

A seguir, analisar-se-á como ocorre o processo de aprendizagem na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos.

4 APRENDIZAGEM: A REALIDADE DOS ALUNOS NA SALA DE AULA

A metodologia que deve ser aplicada na EJA, como já mencionado neste estudo, precisa ser voltada para todos de forma igualitária. Isso, apesar da diversidade de características e motivações apresentadas pelos alunos. A partir de tais especificidades, é necessário pensar, elaborar o currículo e a metodologia da EJA. Pois assim, esta será construída tendo como foco uma aprendizagem autônoma.

A arte de ensinar adultos é denominada andragogia e de acordo com Santos (p.2)², “a andragogia viabiliza um melhor entendimento da importância prática dos assuntos a serem estudados na EJA visando com que os alunos percebam que isso fará diferença e modificará suas vidas”.

Do grego: andros = adulto e gogo = educar, a andragogia tem como objetivo compreender o adulto levando em consideração os aspectos psicológicos, biológicos e sociais. Também, são observados alguns pressupostos semelhantes aos de modelos pedagógicos transformadores. Santos (p.3)³ ainda reforça que a relação entre educador e educando deve ser baseada no diálogo, que os alunos não devem ser tratados como crianças e que precisam ser abordados conteúdos condizentes com a realidade vivida por eles. Sobre a questão,

Pechliye e Trivelato (2005) apontam a comunicação, a reflexão e a interação entre professor e aluno na EJA como a (re) construção do conhecimento. Já Krasilchik (1996) afirma que a comunicação é imperfeita porque se os professores não ouvem o que os alunos pensam e falam, não poderão ajudá-los a melhorarem suas expressões. Perissé (2008) enfatiza que o estudante adulto não deve ser tratado como um adolescente que está iniciando a vida, mas como um aluno que requer desafios. Eles necessitam compreender a importância prática do assunto a ser estudado percebendo que isso fará diferença e modificará suas vidas. Portanto, é a aprendizagem fundamentada no ‘aprender fazendo’.

Gomes e Garcia (2014, p. 477, apud, JAEL et al., 2017, p.2) mencionam que as instituições de ensino, em especial as da rede pública, devem traçar alternativas para

² SANTOS, Maria Inêz Frozza Borges dos. **As Causas das Dificuldades de Aprendizagens na EJA e as Contribuições da Psicopedagogia.**

³ Ibidem 2.

facilitar a aprendizagem dos alunos da EJA. Ou seja, considerar que “a compreensão da realidade é a primeira de inúmeras ações que podemos realizar antes de sugerir mudanças”.

Além do processo da aprendizagem envolver uma relação dialógica, recíproca, todos os envolvidos precisam ter o mesmo grau de importância. É necessária uma interação entre professor-aluno e aluno-professor, pois ambos, desenvolvendo novos conhecimentos, solucionarão problemas e desenvolverão suas habilidades e potencialidades.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2013, p. 25, apud, JAEL et al., 2017, p.2).

Ademais, apesar de a aprendizagem ser um processo individual e construída a partir do desejo de cada um, precisa ser instigada pelo professor. Este, como mediador do ensino-aprendizagem, conseqüentemente, provocará mudanças referentes à reflexão crítica em seus alunos. Tal processo torna-se mais significativo quando associado às experiências do meio social dos quais os alunos fazem parte. E, apesar de ser algo nato do ser humano, o ato de aprender pode tanto ser inibido ou facilitado por fatores físicos, psicológicos, ambientais e sociais.

Além de tais fatores contribuintes para o processo de aprendizagem, Paín (1985, apud SANTOS, p. 4), faz menção entre problema reativo de aprendizagem e aprendizagem sintomática. A primeira designação refere-se à estrutura física da escola, na presença escassa de material didático, na má motivação dos professores em função dos salários e do cansaço físico, na exaustão das crianças, jovens ou adultos por vários motivos, incluindo as tarefas domésticas ou o trabalho a fim de ajudar na renda familiar. Essas situações externas influenciam no estabelecimento de um espaço pedagógico, e como resultado, desestimula a vontade de aprender. Quanto à segunda, Paín (1992, apud, SANTOS, p. 4) toma por base o processo de Piaget, isto é, “a assimilação para a realidade é transformada e integrada nas possíveis ações de seus próprios esquemas ativos adequando-os às exigências da realidade”. Ou seja, a assimilação e a

acomodação, independente se em excesso ou escassez, influenciarão no modo como o educando aprenderá e isso afetará no resultado final da aprendizagem.

Outrossim, apesar de a aprendizagem ser influenciada por diversos fatores que possam dificultar o seu processo, eles não são intransponíveis. Pois, os seres humanos são capazes de superá-los. Freire (2013, p.53, apud JAEL et al., 2017, p. 3) considera assim:

Gosto de gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Porém, imprescindível é que o educador, apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos, busque soluções em conjunto com a comunidade escolar, e seja sensível às potencialidades dos alunos, de maneira que possa reforçá-las favorecendo sua autonomia. Como bem mencionam Leal e Fonseca (2015, apud JAEL et al., 2017, p. 3):

[...] na perspectiva Cognitivista/Piagetiana, o sujeito é ativo no processo de ensino e possui potencialidades que precisam ser desenvolvidas. O educando é visto como construtor do seu conhecimento e este é produzido a todo o momento. O professor tem o papel de mediador do conhecimento e, para que o aprendizado aconteça nesta perspectiva, o professor deve estar atento a propor sempre situações desafiadoras para seus educandos.

Quanto às práticas pedagógicas nessa modalidade de ensino são um dos maiores desafios enfrentados pelos professores. Eles devem encarar com naturalidade a questão de que os alunos da EJA sabem se comunicar, porém, possivelmente apresentam dificuldades de aprender. Isso, pela idade diferenciada ou diversidade de saberes e culturas ou pela dificuldade maior que é a da exclusão já vivenciada.

A literatura, como explicita Santos⁴, menciona o uso do Currículo Integrado (CI) como uma das ferramentas pedagógicas a ser utilizada na EJA. Pois, o CI romperia com o modelo de educação já posto, apesar de não muito aceito ainda pelos educadores:

⁴ Ibidem 2

O objetivo maior do CI é o de romper o que está pré-estabelecido. Assim, muitos desafios serão superados ou vencidos, visto que o modelo tradicional é um enraizamento ainda enviesado sendo difícil arraigar formas e doutrinas de educadores especialmente no caso da EJA. É um ato coletivo “que requer o planejamento das ações, com metodologia e objetivos claros”. (SILVA, 2014, p. 22).

Em consonância com a questão de formação do ser humano na questão educativa, em particular, na EJA, deve-se considerar também o conceito *omnilateral* defendido por Frigotto, em que o homem deve ser considerado em sua totalidade, não em partes. Sua formação deve considerar a unidade dialética - teoria e prática, pensamento e ação, homem e sociedade, o pedagógico, o político e o social, sintonizadas com toda a problemática que envolve o fenômeno educativo:

Formar hoje para uma perspectiva omnilateral, e dentro de uma concepção de que as pessoas vêm em primeiro lugar, pressupõe tornar-se senso comum de que as relações capitalistas são incapazes, por natureza intrínseca, de prover minimamente o conjunto de direitos fundamentais a todos os seres humanos, a começar pelo direito à vida digna, à saúde, à educação, habitação, emprego ou salário desemprego, lazer, etc., sem o que o humano se atrofia. (FRIGOTTO, 1996, p. 157, apud, SANTOS)⁵.

Ou seja, a partir do conceito supramencionado, leva-se em consideração o homem apto a aprender e consciente na sociedade em que vive. Um ser capaz de desenvolver um pensamento crítico, atuante e sujeito de suas próprias opiniões e convicções.

Desta maneira, quando há um equilíbrio entre os conhecimentos informais ligados ao contexto dos educandos com os acadêmicos trazidos pelos educadores, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais real e eficiente. Não deve supervalorizar um ensino no qual haja apenas o transferir do conhecimento, mas o que propicia a sua construção. Pois, mais uma vez citando Freire: “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações; um ser crítico e inquiridor,

⁵ Ibidem 2

inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimentos”. (1996, p. 47, apud, SANTOS)⁶.

No próximo capítulo, adentrar-se-á no aspecto qualitativo do trabalho, resultante da prática de estágio do curso de Pedagogia da UFPB em uma instituição municipal de ensino de João Pessoa.

⁶ Ibidem 2

5 OS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo serão relatados os aspectos vivenciados durante a pesquisa empírica que serviu de base para este estudo.

Através desta pesquisa, foi possível investigar e conhecer respostas para algumas dúvidas e indagações referentes ao processo do ensino-aprendizagem na EJA e vivenciar de perto o papel do educador.

Por intermédio do processo observatório, questionamentos e relatos dos educadores e educandos, a presente análise reflexiva tornou-se contundente, visto que reafirmou o que as referências bibliográficas apresentam a respeito do tema abordado.

5.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, de natureza exploratória, assumiu uma abordagem qualitativa, com a finalidade de apurar de forma mais profunda a temática do presente trabalho. Pois,

a pesquisa qualitativa (...) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (Bogdan e Biklen, 1982, apud, SANTOS, 2013, p. 34).

Por intermédio da observação, aplicação de questionários, análise de documentos e referências bibliográficas foi possível a concretização deste estudo de campo, pois tais etapas foram consideradas imprescindíveis para conhecer e compreender a problemática abordada neste estudo.

Marconi e Lakatos (2003, p. 190, apud, SANTOS, 2013, p. 35) definem observação como:

Uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

Utilizando uma linguagem simples e objetiva, com questões de múltipla escolha e abertas, foi aplicado um questionário para que os respondentes compreendessem com clareza o que lhes era perguntado.

Instrumento utilizado como ponto de partida para a realização deste estudo de campo, o questionário teve como objetivo investigar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores alfabetizadores em sala de aula.

Terminada a fase de coleta dos dados, iniciou-se a análise documental e bibliográfica, onde as informações obtidas puderam ser verificadas de forma mais significativa, visto que, por meio destes procedimentos, foram adquiridas novas informações e fundamentos basilares para a concretização deste estudo.

5.2 UNIVERSO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O local onde foi realizada esta pesquisa foi em uma escola municipal do município de João Pessoa-PB. A referida instituição trabalha com este seguimento da EJA há quatro anos.

A Escola funciona nos três turnos, com turmas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º Ano no turno da manhã; do 6º ao 9º Ano no turno da tarde e no horário noturno a Educação de Jovens e Adultos na Modalidade de Ciclos, sendo Ciclos I, II e III, a coleta das informações foi realizada em duas salas de aula do ciclo I (2º a 5º ano) e do ciclo II (6º ao 9º ano).

A entrevista foi realizada com duas professoras e vinte e três alunos, estes, com faixa etária entre 18 (dezoito) a 62 (sessenta e dois) anos de idade. A primeira problemática apontada, já no início da parte empírica deste estudo, antecipando elementos que seriam constatados a partir da coleta de dados, deu-se na entrevista, com a dificuldade com a leitura e a escrita, pois a maioria dos educandos não possui o domínio dessas técnicas. Para tanto, foi necessária a leitura individual do questionário para a obtenção das respostas.

A constatação acima evidencia aspectos já explicitados durante a revisão da teoria levantada para fundamentar este estudo. Noutras palavras, comprova-se que a

maioria dos alunos não teve tempo suficiente de estudo. Grande parte só estudou até a segunda série (antigo ensino fundamental) ou nunca estudaram devido às condições financeiras da família.

5.3 AS DIFICULDADES DOS ALUNOS

Adentrando, inicialmente, nos dados coletados a partir das respostas dos alunos, de acordo com os relatos, quase todos tiveram que trabalhar ainda muito jovens, não contando com o apoio da família para continuar os estudos, porque seus pais também não tiveram acesso à educação escolar. Outros aspectos como gravidez na adolescência, casamento e problemas de saúde, foram acrescentados como causadores da não permanência na escola.

A esse respeito, acrescentando elementos ao que já se abordou nos capítulos anteriores desta pesquisa, Guimarães; Cardoso (2013, apud, RIBEIRO, 2014, p. 15) explicitam:

Não se pode esquecer que dentro das trajetórias trazidas pelos educandos da EJA, houve dificuldades vivenciadas por eles, no tocante ao acesso e à permanência na escola. Frequentemente precisam relutar contra a opinião da família para que possam voltar a estudar, pois muitas vezes, os membros da família acreditam que a educação é de pouca importância na vida de um adulto. Há ainda os estudantes que tiveram problemas para aprender os conteúdos escolares ou aqueles que, em algum momento da vida, simplesmente desistiram de frequentar a escola e culpam a si mesmos pelo fracasso escolar.

A partir do momento em que esses alunos encontrem sentido nos conteúdos que serão ministrados em sala e percebam que o direito a educação independente de idade, começarão a se desenvolver e a aprendizagem ocorrerá naturalmente. Também, esse processo deve ser buscado pela comunidade escolar.

No tocante à ocupação profissional dos alunos entrevistados, a maioria trabalha em atividades que não exigem formação específica. São vendedores, babás, manicures, ajudante de pedreiro, montador e secretária do lar. Pouquíssimos participantes desta pesquisa se declararam como desempregados.

Ainda durante a coleta de dados, indagou-se dos alunos o que os motivou a voltar a estudar. Eles responderam que, além de adquirir mais conhecimentos, os estudos proporcionam uma maior autoestima, autoconfiança e a busca por um emprego melhor.

Mais uma vez, os dados levantados no estudo de campo mostram-se compatíveis com a fundamentação teórica levantada a respeito do tema em discussão:

(...) o regresso à escola pelos estudantes, apresenta como justificativas continuar os estudos, satisfação pessoal, conquista de um direito, sensação de capacidades e dignidade e a conquista de um diploma, e a mais comum, que é conseguir um trabalho melhor e mudar sua situação econômica, na qual se encontram atualmente (CALIATTO; MARTINELLI, 2013, apud, RIBEIRO, 2014, p. 16).

Quanto às atividades que são ministradas em sala de aula, a maioria dos alunos relatou que sente muita dificuldade. E que é preciso que as professoras os ajudem individualmente.

Aqui, percebe-se como é importante o educador estar preparado para trabalhar com os alunos da EJA. Pois, avaliando os conhecimentos que eles possuem e desenvolvendo atividades que possam melhorar tais conhecimentos, isto é, uma metodologia voltada para essa realidade, educandos e educadores terão prazer em aprender e em ensinar, respectivamente e mutuamente. Ribeiro (2004, apud, RIBEIRO, 2014, p.17) explicita:

O estudante jovem e adulto é completo, para quem a cognição, afeto e sociabilidade estão entrelaçados. Compreender e interpretar o mundo são processos que envolvem as dimensões sócio cognitiva e sócio afetiva. O ensino para esse grupo de pessoas, para que seja bem sucedido, necessita ser voltado para a operacionalização entre a teoria e a prática. Para tanto, deve ser problematizado, contendo o que foi aprendido no contexto de outras experiências extraescolares.

O fato de não conseguirem ler o questionário, o que impôs a necessidade de leitura dos tópicos, transformando a coleta quase numa entrevista semiestruturada, aliada as dificuldades de expressão com clareza em relação às questões propostas, fez com que não se obtivesse respostas precisas em relação ao tipo de dificuldade

encontrada (leitura, escrita, cálculo); se essas dificuldades já eram sentidas ao tempo em que abandonaram os estudos anteriormente; ou de que maneira eram auxiliados pelo professor. Também não se conseguiu resposta objetiva com respeito ao que achavam que poderia melhorar nas salas de aula da EJA.

5.4 AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES

Tal como o que foi realizado com os alunos, também foram analisados os dados com relação às educadoras da EJA, coletados a partir de questionário que abordou aspectos como, por exemplo, formação, tempo que lecionam, as estratégias de aprendizagem desenvolvidas em sala para os alunos, dificuldades enfrentadas entre outras abordagens. O questionário entregue a cada uma das professoras, continha dez perguntas. Neste, haviam questões relacionadas ao tempo de atuação de cada uma na EJA.

A **professora 1**, como será chamada neste relato para a preservação da identidade, respondeu: que atua no magistério há 22 anos, mas na EJA há 5 anos. A **professora 2**, por sua vez, relatou que atua há 19 anos na EJA. Ao serem questionadas sobre a formação acadêmica e, especificamente, se estavam preparadas para atuar na EJA, a **professora 1** respondeu que é formada em direito, que cursou o magistério e atualmente está concluindo o curso de pedagogia. Já a **professora 2** é licenciada em pedagogia e durante sua graduação foi bolsista do Projeto Escola Zé Peão.

A questão seguinte indagava se ambas possuíam algum curso específico para atuar na EJA. Semelhantemente, as duas responderam que participam de um curso de formação continuada disponibilizado anualmente pela prefeitura de João Pessoa. Em seguida, foram questionadas como se sentiam trabalhando com turmas da EJA.

A **professora 1** respondeu que o trabalho com a EJA é desafiador, de grande aprendizado e muito gratificante, pois oferece oportunidades para que todos desfrutem do conhecimento e assim, possam mudar suas vidas e sua visão de mundo. Em conformidade, a **professora 2**: afirmou que se sente realizada, pois os alunos são bastante carinhosos e interessados.

No que diz respeito às dificuldades mais frequentes enfrentadas no trabalho com a EJA, a **professora 1** expressou que os principais entraves para aqueles que atuam na EJA são a rotina exaustiva dos alunos, pois enfrentam jornadas de trabalho, responsabilidades domésticas e familiares, além do cansaço decorrente da rotina diária. Já a **professora 2**, contraditoriamente, respondeu que no momento não encontra tantas dificuldades, pois os alunos possuem uma frequência regular e estão dispostos a novos desafios.

Com relação à identificação das dificuldades mais frequentes entre os alunos da EJA, a **professora 1** mencionou a falta de domínio da leitura e escrita, já que não existe turmas de alfabetização ou salas multiseriadas com aprendizagem diferenciada. A **professora 2** relatou que muitos dos alunos são descompensados emocionalmente e apresentam dificuldade de aprendizagem.

No que concerne a estas dificuldades, foi questionado se as professoras recebem algum suporte para lidar com essas adversidades. A **professora 1** respondeu que para tais dificuldades de aprendizagem não existe suporte, mas a escola conta com o apoio psicológico para aqueles que apresentam laudo médico. Já a **professora 2** respondeu que as equipes técnicas diretivas sempre dão suporte quando surgem qualquer necessidade.

Também foram questionadas se as atividades e as estratégias desenvolvidas, bem como o material utilizado, são adequados ao público da EJA. A **professora 1** respondeu: que sim, mas que algumas vezes precisa fazer adaptações. A **professora 2** explicitou: que é preciso adequar as estratégias de sala com a realidade do cotidiano dos educandos.

A questão seguinte procurou analisar como ambas enfrentam as dificuldades encontradas. A **professora 1** explicou que busca suporte com outros professores e profissionais que atuam no turno da noite, e para as dificuldades de aprendizagem, diversifica as estratégias e faz acompanhamento individualizado como: sondagens e acompanhamento mensal da evolução da aprendizagem. A **professora 2** falou que a presença constante deles em sala de aula é a solução para as dificuldades apresentadas.

A questão final indagou quais sugestões elas dariam para melhoria do trabalho pedagógico com a EJA. A **professora 1** considerou fundamental e ainda inexistente na escola, o uso do computador para as atividades individuais. Pois assim, haveria o acesso à tecnologia e a inserção dos educandos no contexto atual. A **professora 2** relatou que sente falta de um material mais adequado às necessidades dos alunos. Os textos atuais costumam ser extensos e sem aplicabilidade. Diante do exposto, a educadora mencionou que sempre realiza adaptações adequadas ao nível de compreensão dos alunos.

5.5 DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os dados mostrados nas respostas de professores e alunos mostram que a realidade da sala de aula da EJA, na escola pesquisada, não difere daquilo que apresenta a base teórica tomada para este estudo. A realidade das condições encontradas no campo de pesquisa traduz aquilo que descreve Fonseca (2013, p. 8):

A maioria das experiências de escolarização de alunos jovens e adultos, seja na escola regular ou em espaços alternativos, sobretudo no seio dos grupos populares e dos movimentos sociais, nem sempre corresponde às exigências e especificidades desta modalidade de ensino, bem como às necessidades requeridas pelo trabalho pedagógico nela realizado.

Na escola pesquisada, a exemplo da realidade apresentada por Fonsêca, “faltam materiais e recursos didáticos adequados, condições mínimas de trabalho e um corpo de conhecimentos acumulados que oriente a prática educativa” (ibidem, p. 8), de modo a que professores e alunos possam enfrentar as dificuldades apresentadas no processo de ensino-aprendizagem.

Enfim, notou-se que há uma aspiração de crescimento por parte do educandos e também, o anseio de ajudá-los por parte dos educadores. Mas, como a educação é um “instrumento de realização do homem” (PINTO, 1982, p. 42, apud SANTOS, 2013, p. 49), cabe, prioritariamente, ao estado proporcionar as condições ainda inexistentes para o alcance de uma educação de qualidade a todos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da discussão levantada na fundamentação teórica, bem como da experiência vivenciada na instituição de ensino municipal e sua comunidade, com os dados levantados entre alunos e professores identificou-se a importância e a necessidade de políticas públicas educacionais voltadas para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, de modo a que a prática pedagógica realizada nas salas de aula da EJA possa ter efetividade e, de fato, tornar realidade a conquista plena do direito à educação, por parte daqueles que foram excluídos da escola quando crianças ou adolescentes.

Assegurada pela Constituição da República de 1988, a educação é um direito de todos e a EJA, especificamente, é a modalidade educacional que garante, aos que não possuíram tal direito no tempo regular, acesso à escola. A realidade, entretanto, mostra que, na maioria dos casos, falta as salas de aula e experiências de EJA, os meios, recursos e condições para que esse objetivo seja plenamente alcançado. Como resultado dessa ausência das condições, recursos e meios adequados, têm-se, por parte de professores e alunos, o enfrentamento de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. É urgente, portanto, o enfrentamento dessas dificuldades para que a EJA cumpra o seu papel.

Para isso, imprescindível repensar a metodologia que será trabalhada em sala de aula, uma formação adequada e contínua aos educadores, pois os educandos, desta modalidade educacional, apresentam especificidades e anseios que são distintos do ensino regular.

Essas características foram conhecidas por meio do estudo bibliográfico e comprovadas através do estudo de campo. Aliás, de grande contribuição, visto que, associou a teoria e a prática.

Apesar de notórios desafios inerentes a Educação de Jovens e Adultos, necessário é que em conjunto, estado, comunidade escolar, alunos e professores estejam cientes de seu papel transformador e contribuidor na transformação das condições de oferta da EJA, para que a mesma seja um instrumento de conquista e

exercício pleno da cidadania. Não obstante apresente alguns obstáculos a serem vencidos, é possível fazer da EJA uma educação de libertadora e transformadora da sociedade e dos sujeitos que nela estão envolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm . Acesso em: 16 mar 2019.

_____. **Educação de Adultos: Declaração de Hamburgo; Agenda para o futuro**. V Conferência Internacional de Educação para Adultos. Brasília: Unesco, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9393.htm. Acesso em: 16 mar 2019.

FAÇANHA, Sabrina Carla Mateus. **Alfabetização de Jovens e Adultos no Estado da Paraíba**: Registros Político-Pedagógico de Experiências da Década de 1960. João Pessoa - PB, 2013.

FONSÊCA, Fábio do Nascimento. Os sujeitos da educação de jovens e adultos: implicações para a prática educativa. In: ALVES, Eliane Ferraz; SILVA, Severino Bezerra da; SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de Andrade (Orgs.). **Alfabetização de jovens e adultos**: discussões metodológicas, sócio-históricas e linguístico-textuais. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 155-171.

JAEL, Rafaela Reis Pereira et. al. **As Dificuldades no Ensino-Aprendizagem de Jovens e Adultos**. III Seminário Científico da FACIG. 2017. Acesso em: 25 fev 2019.

Projeto Político-Pedagógico. Universidade Federal da Paraíba. Curso de Pedagogia. João Pessoa – PB, 2006.

RIBEIRO, Jaciara Batista. **As Estratégias de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos**. Pouso Alegre, 2014.

SANTOS, Adalberon Silva dos. **Análise das Dificuldades na Alfabetização e Letramento na EJA em um Colégio da Asa Norte – Brasília/DF**. Brasília, 2013.

_____. Maria Inêz Frozza Borges do. **As causas das Dificuldades de Aprendizagem na EJA e as Contribuições da Psicopedagogia**.

SILVA, Pedro Lopes da. ARAÚJO, Aline Vasconcelos de . **As Metodologias Utilizadas por Profissionais da EJA**: Uma reflexão a partir do Estágio Supervisionado III.

APÊNDICES

Roteiro de Questionário - Professor

1. Há quanto tempo atua no magistério e, desse tempo, quanto dedicado a EJA?
2. Qual a sua formação acadêmica? Sua formação inicial o preparou para atuar na EJA?
3. Você tem alguma formação específica para atuar na EJA (aprofundamento/aperfeiçoamento/especialização)?
4. Como você se sente trabalhando em turmas de EJA?
5. Quais as dificuldades mais frequentes que você enfrenta no trabalho com a EJA?
6. Quais as dificuldades que você mais percebe entre seus alunos na EJA?
7. Você recebe algum tipo de apoio ou suporte para lidar com essas dificuldades?
8. Você considera que as atividades, as estratégias e o material que utiliza em sala de aula são adequados ao público da EJA?
9. Como você procurar enfrentar as dificuldades encontradas?
10. Que sugestões você daria para a melhoria do trabalho pedagógico com a EJA?

Roteiro de Questionário - Aluno

1. Identificação

Qual a sua idade? _____;

Sexo ()M ()F;

Ocupação profissional: _____

Bairro/Cidade em que mora: _____

2. Por quanto tempo você estudou antes de frequentar a EJA? Até que séries cursou?

3. O que o levou a deixar os estudos?

()Trabalho ()Casamento ()Reprovação ()Mudança de cidade

()Dificuldades para estudar ()Desinteresse ()Outros: _____

4. Por que motivos você decidiu voltar a estudar?

()Por conta do Trabalho ()Incentivo da família ()Auto-estima

()Outros: _____

5) O que você espera com o retorno aos estudos?

()Adquirir mais conhecimento

()Encontrar um trabalho melhor

()Melhorar o salário

()fazer um curso técnico

()Cursar uma faculdade

()Outro: _____

6. Como você se sente em sala de aula?

()Satisfeito ()Com dificuldades ()Inseguro ()Indiferente

7. Quais as suas maiores dificuldades em sala de aula?

()Leitura

()Escrita

()Cálculo

Interpretação de texto

Outra: _____

8. Você já sentia essas dificuldades antes (quando estudava, nas séries anteriores)?

Sim Não Mais ou menos

9. Como a professora/o professor tem lhe ajudado em relação a essas dificuldades?

10. O que você acha que poderia melhorar nas salas de aula da EJA?